

Documento Final do II Fórum Nacional de Museus Indígenas (2016)

Rede Indígena de Memória e Museologia Social

APRESENTAÇÃO

A Rede Indígena de Memória e Museologia Social foi fundada em dezembro de 2014, na cidade do Recife/PE, como uma instância de articulação, formação e troca de experiências, reunindo processos museológicos e museus indígenas, iniciativas que primam pela diversidade e a gestão indígena do patrimônio, dos territórios e conhecimentos tradicionais. Além de inúmeros encontros locais, regionais e estaduais, a culminância do processo de mobilização nacional em torno do debate sobre memória e políticas museológicas por parte da Rede foi a realização das três edições do Fórum Nacional de Museus Indígenas, em 2015 (CE), 2016 (PE) e 2017 (PI). Estes encontros multiétnicos objetivaram a articulação, a socialização dos trabalhos feitos nos territórios, a formação em rede, a ação coletiva e o diálogo sobre as políticas públicas para a memória indígena. O II Fórum Nacional de Museus Indígenas, realizado conjuntamente com o III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco, aconteceu de 15 a 20 de agosto de 2016, na aldeia Mina Grande do povo Kapinawá (Buíque/Pernambuco), contando com a participação de indivíduos e coletividades de dezessete estados

brasileiros, pertencentes a 29 povos. O Documento Final do encontro traça uma análise traduzida em perspectivas de atuação frente ao contexto de crise política do país, sistematizando um conjunto de propostas de auto-organização e diretrizes estratégicas para políticas públicas de valorização da diversidade étnica e do direito à memória. Essas propostas constituíram o resultado do acúmulo de anos de discussões, interlocuções e aprendizados coletivos, condensando o amadurecimento de uma pauta própria de parcela do movimento indígena e indigenista para o campo museológico e patrimonial. Considerando o contexto em que estas proposições foram formuladas (entre 2014 e 2017), período caracterizado pela crise de governabilidade, descontinuidade das políticas museológicas e ruptura das pactuações em curso nos anos anteriores, essa agenda propositiva tem um potencial significativo de alimentar novos debates e embates, no diálogo entre Estado, sociedade civil, movimentos indígenas e experiências articuladas em torno da Rede Indígena de Memória e Museologia Social.

Palavras-chave: Museus Indígenas; Redes de Memória; Museologia Indígena; Políticas Museológicas; Descolonização de Museus.





Cartaz do II Fórum Nacional de Museus Indígenas. Crédito: Samuel Oliveira, 2016.



II Fórum Nacional de Museus Indígenas

III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco

Documento final

Os participantes do *II Fórum Nacional de Museus Indígenas* e do *III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco*, realizados pela Rede Indígena de Memória e Museologia Social e pelo Núcleo e Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade da Universidade Federal de Pernambuco (NEPE/UFPE), com o apoio do Museu do Índio/FUNAI-RJ e do Museu do Homem do Nordeste/Fundação Joaquim Nabuco/FUNDAJ, reunidos na aldeia Mina Grande, localizada no Território Indígena Kapinawá (município de Buíque, PE), entre os dias 15 a 20 de agosto de 2016, elaboraram este documento final de ambos os eventos, com o objetivo de sistematizar e apresentar publicamente as discussões e encaminhamentos.

Participaram do II Fórum Nacional e do III Encontro Estadual representantes indígenas, governamentais, de universidades, de instituições indígenas, indigenistas, de pesquisa e de organizações não-governamentais que atuam nos estados do MA, PI, CE, RN, PE, BA, RJ, PR, RS, RO, AM, AC, PA, MT, AP, SP, TO, que fazem parte das seguintes instituições: Núcleo e Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade da Universidade Federal de Pernambuco (NEPE/UFPE), Museu do Homem do Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco (MUHNE-FUNDAJ), Museu do Índio/FUNAI-RJ, Museu Paraense Emílio Goeldi/PA, Projeto Xingu/UNIFESP-SP, Iepé/SP, UFSC/SC, UFAM/Benjamin Constant-AM, Museu Etnográfico de Neuchatel (Suíça), COJIPE,

Universidade Federal do Ceará, Colegiado Setorial de Patrimônio Imaterial - CNPC/MinC, ATOPOS/ECA-USP, Unyleya, Rede Cearense de Museus Comunitários/RCMC, SECULT/PE, SESAPI/PI, Organização dos Jovens Indígenas Kapinawá/OJKA/PE, União da Juventude Pankararu (UJP), Museu Indígena Pitaguary/CE, Licenciatura Intercultural da UEMA/MA, Museu Indígena Potyguara da Serra das Matas/CE, Museu Indígena Potigatapuia/CE, Associação Comunitária do Amarelão/RN, Universidade Federal de Sergipe/UFS, Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE, Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão/MA, PPGA/UFAM-AM, PPGMUS-USP/SP, UFPI/PI, Núcleo Audiovisual - TI Apucaraninha/Tamarana-PR, Museu Paiter A Soe/RO, Museu Kapinawá/PE, Museu Indígena Jenipapo-Kanindé/CE, Colégio Estadual Indígena da Serra do Padeiro/Buerarema-BA, FEPHAC/Federação do Povo Huni Kuin do Acre/AC, Colegiado Setorial de Culturas Indígenas - CNPC/MinC, Museu Wowkriwig/SP, Museu Virtual Muka Mukaú/BA, Projeto O Sagrado Brasileiro/RJ, Memorial Tapeba Cacique-Perna-de-Pau/CE, SEDUC/PE, LEMETRO-IFCS/UFRJ, Projeto Historiando/CE, Coordenação Regional Nordeste 1/FUNAI, SECULT/PE, CIMI/NE, APOINME, Comissão de Juventude Indígena de Pernambuco/COJIPE, União da Juventude Pankararu/UJP, a Associação Nacional de Ação Indigenista/ANAÍ e Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque/AP.

Além dos participantes do povo indígena Kapinawá (PE), anfitrião do encontro, estiveram presentes os povos Fulni-ô (PE), Truká (PE), Pankará (PE), Atikum (PE), Pankararu (PE), Xukuru (PE), Kambiwá (PE), Kaingang (PR, SP e RS), Potiguara (CE), Tapeba (CE), Anacé (CE), Pitaguary (CE), Jenipapo-Kanindé (CE), Tremembé (CE), Kanindé (CE), Tupinambá (BA), Huni Kuin (AC), Trumai (TI Xingu/MT), Paiter-Suruí (RO), Munduruku (PA), Canela-Ramkokamekrá (MA), Tabajara (PI), Kariri (PI), Potiguara de Amarelão (RN), Paiacu do Apodi (RN), Mundurucu (TO), Pataxó (BA) e Karipuna (AP); que totalizaram representantes de 29 povos indígenas que habitam o território brasileiro.

O Encontro contou com a participação, via gravação em vídeo, do indígena mexicano Francisco Hernández Carreras, membro do *Consejo Coordinador da Red de Museos Comunitarios de América* e integrante da *Union de Museos Comunitarios de Oaxaca/UMCO*, e do con-

sultor em patrimônio e desenvolvimento local francês, Hugues de Varine, ex-diretor do ICOM (International Council of Museums), que afirmaram o papel político e social dos museus indígenas no contexto internacional.

Foram dias intensos de celebrações e ritualísticas, de encontro com a ancestralidade e de fortalecimento da espiritualidade. As principais discussões giraram em torno da variedade de modos de operar a memória em contextos indígenas, a diversidade dos processos museológicos protagonizados por nossos povos, o compartilhamento das estratégias de transformação, apropriação e reinvenção dos museus; da construção coletiva de propostas para aprimorar a comunicação entre os povos e seus museus, as entidades indigenistas/educacionais/de pesquisa e os apoiadores da Rede Indígena de Memória e Museologia Social, visando a organização de núcleos locais e estaduais de articulação e mobilização em todas as regiões do país.

Criados e geridos pelas populações e comunidades indígenas no interior de seus territórios, os espaços de memória, assim como os museus, centros de documentação e casas de cultura indígenas expressam a indissociável conexão com a Natureza Sagrada, com a força dos Encantados e com o Bem-Viver de nossas populações. Espaços que propiciam o (re)encontro com a ancestralidade, o encanto e a encantaria; que possibilitam a educação intercultural, a construção social da memória e a documentação, salvaguarda e transmissão de conhecimentos e saberes tradicionais.

A Rede Indígena de Memória e Museologia Social expressa a multiplicidade e a heterogeneidade desses espaços e das ações de memória, tradutória da potência viva da pluralidade cosmológica dos povos indígenas que resistem há mais de 500 anos no país.

Diante da atual conjuntura política do Brasil, da crise de representatividade, da ilegitimidade do Governo golpista, da perda significativa de conquistas históricas e da deflagrada ofensiva do agronegócio, da bancada ruralista e evangélica contra os direitos, a vida e os territórios das populações indígenas, discutiu-se a importância de mantermos a nossa autonomia perante o Estado. O caráter descentralizado e horizontal da Rede Indígena de Memória e Museolo-

gia Social espelha a heterogeneidade das iniciativas que a compõe e reforça-se pela decisão de não-institucionalizar a sua atuação, na perspectiva de concretizar atividades e ações coletivas que garantam a ampliação, o fortalecimento e a sustentabilidade das bases comunitárias de nossas iniciativas e a autonomia dos processos museológicos indígenas em relação ao Estado nacional brasileiro.

Nesta perspectiva, o *II Fórum Nacional de Museus Indígenas* reuniu representantes de povos indígenas que desenvolvem ações de memória e processos museológicos em seus territórios, para a troca de experiências e saberes, articulação interinstitucional e formação em rede. O presente documento final objetiva, portanto, sistematizar e compartilhar publicamente as principais discussões, propostas, moções e estratégias debatidas durante o *II Fórum Nacional de Museus Indígenas*. Foram apontadas diretrizes, ações e estratégias a serem realizadas pela Rede Indígena de Memória e Museologia Social, além de propostas voltadas à garantia de políticas públicas de direito à memória indígena a partir de quatro eixos: *Gestão museológica, territórios indígenas e patrimônio cultural; Formação e capacitação; Políticas públicas, sustentabilidade e fomento; Estratégias para articulação em rede (cidades, estados e regiões)*;

Gestão museológica, territórios indígenas e patrimônio cultural

Ações da Rede Indígena de Memória e Museologia Social nesse âmbito:

- Reafirmar a importância do protagonismo das comunidades indígenas na criação, gestão e desenvolvimento de seus museus e processos museológicos.
- Pressionar pela criação e implementação de políticas públicas que assegurem a elaboração dos planos de desenvolvimento dos museus indígenas com a participação comunitária, de acordo com as especificidades de cada povo (cultura, língua e tradições).
- Articular a formação de um Grupo de Trabalho (GT) composto por representantes de processos museológicos indígenas e de instituições parceiras, voltado para a elaboração dos princípios, obje-

tivos e metodologias de gestão museológica da Rede Indígena de Memória e Museologia Social.

A seguir as propostas de ações para que o Estado brasileiro cumpra o seu papel constitucional de valorizar e proteger o patrimônio cultural relativo aos povos indígenas:

- Promover o reconhecimento dos museus e processos museológicos indígenas como iniciativas e instituições de relevante importância na valorização da diversidade cultural e no direito à pluralidade de memórias no Brasil.

- Destinar recursos públicos para fortalecer, recuperar, estruturar e garantir a manutenção dos museus e processos museológicos indígenas existentes.

- Aplicar recursos públicos para viabilizar a implementação de unidades museológicas nas comunidades indígenas que ainda não as possuam, em parceria com as organizações indígenas locais e sob sua gestão.

- Garantir que os integrantes dos núcleos gestores e educativos dos museus e processos museológicos indígenas sejam formados permanentemente para o trabalho em museus.

- Garantir que o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) mantenha a contratação permanente de consultores indígenas por meio do Programa Pontos de Memória/Organização dos Estados Ibero-americanos, responsável por ações e estudos que resultem na elaboração de um mapeamento dos processos museológicos indígenas, na elaboração de diagnósticos museológicos e na proposta e implementação de um processo de formação em rede para os integrantes dos processos museológicos e museus indígenas no Brasil.

Formação e capacitação

Ações da Rede Indígena de Memória e Museologia Social nesse âmbito:

- Exigir que o governo garanta a criação e utilização de rubricas orçamentárias específicas, em todas as esferas governamentais (municípios, estados e governo federal), voltadas ao apoio à

formação continuada das equipes educativas e gestoras dos processos museológicos e museus indígenas no Brasil, assegurando a participação das lideranças indígenas em ações de formação, na condição de formadores.

- Articular com órgãos governamentais, não governamentais e privados, a criação de um sistema integrado de formação em rede para os processos museológicos e museus indígenas, em todos os níveis (de extensão, técnico e de especialização), de modo a assegurar o intercâmbio de conhecimentos e saberes, por meio da realização de conferências, fóruns, encontros, congressos, oficinas, cursos e trocas de experiências.

- Promover por meio dos núcleos locais e regionais da Rede Indígena de Memória e Museologia Social a realização de mapeamento para diagnosticar as potencialidades de ações educacionais/culturais e dos agentes que desenvolvem os processos museológicos e museus indígenas no Brasil.

- Mobilizar entre os povos indígenas os agentes que atuam como mediadores dos processos museológicos em suas respectivas aldeias, para a elaboração, a execução e a difusão de estratégias expositivas e comunicativas colaborativas nos processos museológicos e museus indígenas.

- Articular a promoção de cursos e oficinas no campo da memória e da museologia social, voltadas para os agentes mediadores dos processos museológicos e museus indígenas, direcionadas para a elaboração de exposições e a divulgação de suas ações educativo-culturais, considerando as parcerias já existentes e por firmar com entidades e indivíduos (universidades, ONGs, instituições, grupos de estudos e pesquisa, profissionais afins etc.).

Sustentabilidade, fomento e financiamento

Ações da Rede Indígena de Memória e Museologia Social nesse âmbito:

- Articular junto aos órgãos governamentais, não governamentais e privados, a criação de editais anuais específicos para a implantação, modernização, reforma e restauração dos museus

indígenas, em âmbitos municipal, estadual e nacional, acompanhados de processos formativos que garantam a participação efetiva das comunidades indígenas, através de suas organizações.

- Envidar esforços para incluir no orçamento anual das secretarias de cultura (municipais e estaduais) e do IBRAM/MinC os recursos financeiros para a criação destes editais de fomento aos museus e processos museológicos indígenas.

- Exigir o envolvimento das comunidades indígenas na elaboração dos editais públicos de criação e reestruturação de museus e processos museológicos indígenas, a partir de demandas e problemáticas locais.

- Articular a realização de cursos de elaboração, execução e prestação de contas de projetos para os museus e processos museológicos indígenas, por meio dos sistemas municipais e/ou estaduais de museus, articulados em parceria com o IBRAM/MINC.

- Pleitear por meio das secretarias de cultura (municipais, estaduais) e IBRAM, uma política de promoção para os museus e processos museológicos indígenas, a fim de dar visibilidade às ações de memória e patrimônio cultural estabelecidas nesses territórios indígenas.

- Divulgar por meio das redes sociais, sites e demais ferramentas de comunicação da Rede as experiências de preservação/salvaguarda do patrimônio cultural protagonizadas pelas comunidades indígenas através de seus museus e processos museológicos.

- Incentivar o compartilhamento dos relatos das experiências museológicas das populações indígenas nos fóruns da área cultural e museológica em níveis municipal, estadual e nacional.

- Articular recursos materiais e humanos para promover a inclusão tecnológica e qualidade de vida como condições de modernização e segurança nos museus e processos museológicos indígenas.

Articulação em rede

Ações da Rede Indígena de Memória e Museologia Social nesse âmbito:

- Identificar, mapear e articular as comunidades e populações indígenas que desenvolvem processos museológicos em seus territórios no Brasil.
- Articular e mobilizar agentes de museus indígenas voltados a consolidação dos núcleos estaduais, municipais e locais da Rede Indígena de Memória e Museus no Brasil.
- Definir um calendário para a realização de encontros estaduais, municipais e locais da Rede Indígena de Memória e Museologia Social no Brasil, com o objetivo de identificar, mapear, diagnosticar e articular os museus e processos museológicos indígenas à nível nacional.
- Dar continuidade à realização anual do Fórum Nacional de Museus Indígenas, com o objetivo de dialogar e conceber os princípios, objetivos, missão e formas de atuação dos processos museológicos e museus indígenas organizados em rede, em diálogo com as diferentes instâncias do Estado e da sociedade civil no Brasil.
- Articular as entidades e instituições parceiras da Rede Indígena de Memória e Museologia Social nos diferentes níveis (estadual, municipal e local) e entre diferentes instâncias de organização (Estado, ONG's, grupos de pesquisa e estudo, universidades, sindicatos etc.).
- Identificar, mapear e diagnosticar as entidades e instituições que desenvolvem atividades junto com os museus e processos museológicos indígenas nas diversas regiões brasileiras, com o objetivo de firmar parcerias para o fortalecimento da Rede Indígena de Memória e Museologia Social.

Encaminhamentos

1. Realização do III Fórum Nacional de Museus Indígenas no Estado do Piauí, em agosto de 2017
2. Realização de encontros municipais, estaduais e regionais de articulação da Rede Indígena de Memória e Museologia Social nas cinco regiões brasileiras. Entre estes, deliberamos a realização de encontros estaduais nos estados do Acre (sem indicação de data), Maranhão (outubro de 2016) e Ceará (9 a 11 de dezembro de 2016); e de um encontro regional no Nordeste, na serra do Padeiro, Território Indígena Tupinambá, em 7, 8 e 9 de abril de 2017.
3. Fortalecimento dos núcleos locais e regionais da Rede Indígena de Memória e Museologia Social, com a definição de articuladores estaduais presentes no II Fórum Nacional de Museus Indígenas, que são:

Região Norte

- AP: Fabrício Narciso Karipuna (Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque)
- AC: Ninawa HuniKui (FEPHAC)
- TO: Joana Euda Munduruku (FEPHAC)
- RO: Luiz Weymilawa Suruí (Museu Paiter A Soe)

Região Centro Oeste

- MT: Awaé Waurá Trumai (Projeto Xingu/UNIFESP)
- Região Nordeste
- CE: Rosa Pitaguary (Museu Indígena Pitaguary)
- RN: Ismael Potiguara (Associação Comunitária do Amarelão) e Maria Lúcia Paiacu (Museu do Índio Luíza Cantofa)
- PE: Ronaldo Siqueira (Museu Kapinawá)
- BA: Alzenar Oliveira - Zeno Tupinambá (Escola Indígena da Serra do Padeiro) e Antônia Gonçalves Pataxó (Museu Muka Mukaú)

Região Sul

- PR: Cacique Natalino Jagu (Centro de Memória e Cultura Kaingang/PR)
- RS: Josué Carvalho Kaingang (UFSC)
- Região Sudeste
- RJ: Cristiane Panjota (Papiõn) (Projeto O Sagrado Brasileiro)
- SP: Lucilene de Melo Kaingang (Museu Wolkriwg)

4. Articulação da Rede Indígena de Memória e Museologia Social nos estados onde haja iniciativas e processos museológicos protagonizados por povos indígenas e que ainda não façam parte da Rede.

5. Organização de um calendário de ações e eventos para a articulação em nível estadual.

6. Elaboração do site da Rede Indígena de Memória e Museologia Social (<http://www.redememoriaindigena.net.br/>) com a atualização descentralizada realizada pelos membros da Rede, sejam estes representantes de museus, casas de cultura, centros de documentação indígenas, iniciativas ou ações museológicas protagonizados pelos povos envolvidos. O site objetiva tornar-se uma plataforma informativa digital (repositório) com conteúdos sobre as experiências e iniciativas de processos museológicos indígenas; estabelecer-se como uma rede descentralizada virtual que conecte as experiências existentes, por meio da divulgação das informações sobre os processos museológicos indígenas e da agenda nacional de eventos, além do compartilhamento de documentos e publicações sobre o assunto.

7. Envio de ofício ao Governador do Estado do Amapá e ao Secretário de Cultura do Estado do Amapá (documento em anexo), solicitando a imediata recuperação do Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque. Hoje o museu encontra-se desativado devido aos problemas estruturais do prédio.

8. Encaminhamento das seguintes moções:

- De apoio à mobilização dos povos indígenas de Pernambuco que ocuparam no último dia 15 de agosto de 2016 a Secretaria

ria de Educação do Estado, em protesto contra a manobra do Estado brasileiro de municipalizar a educação escolar indígena, entre outras demandas estaduais e nacionais.

- Pela institucionalização do Programa Pontos de Memória da Coordenação de Museologia Social e Educação do Departamento de Processos Museais/COMUSE-DPMUS-IBRAM, que está ameaçado de ser extinto pela gestão pública federal do Ministério da Cultura.

- De repúdio contra a fragilização e apoio ao fortalecimento da Coordenação de Populações Rurais e Povos Tradicionais da SECULT/FUNDARPE-PE, que vem sendo sistematicamente enfraquecida pela atual gestão cultural do estado de Pernambuco.

A hospitalidade afetuosa do povo Kapinawá proporcionou aos participantes as melhores condições para a realização do II Fórum Nacional de Museus Indígenas/III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco. Em nome de todos participantes, representantes da heterogeneidade e multiplicidade da Rede Indígena de Memória e Museologia Social, agradecemos essa carinhosa recepção que tanto nos contagiou a dar continuidade aos processos museológicos e ações de memória, com passo firme a favor da diversidade cultural e do direito à memória dos povos originários do Brasil.

Aldeia Mina Grande, Território Indígena Kapinawá, Buíque/PE
20 de agosto de 2016

Assinam este documento 234 pessoas participantes

Ofício

Ao Governador do Estado do Amapá, (V. Ex.a Antônio Waldez Góes da Silva) e ao Secretário de Cultura do Estado do Amapá, tratando dos acontecimentos que envolvem a condução do processo de recuperação do Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque. Hoje o museu encontra-se desativado devido à problemas estruturais do prédio.

Ao Governador do Estado do Amapá,

V. Ex.a Antônio Waldez Góes da Silva

Ao Secretário de Cultura do Estado do Amapá

Os participantes do II Fórum Nacional de Museus Indígenas e do III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco, reunidos entre os dias 15 e 20 de agosto de 2016 na aldeia Mina Grande – Terra Indígena Kapinawá, município de Buíque/PE, vem manifestar grande preocupação com os acontecimentos que envolvem a condução do processo de recuperação do Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque, um dos primeiros museus entre os povos indígenas no Brasil. Hoje o museu encontra-se desativado devido aos problemas estruturais do prédio.

Esclarecemos que o Museu Kuahí na cidade do Oiapoque é o único museu do município, atendendo a toda a região em seu entorno que envolve estudantes, população indígena e não indígenas e aos turistas, nacional e estrangeiro, devido tanto às suas exposições quanto à sua localização estratégica, já que se encontra situado na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa e o Suriname.

É imperativo que as instalações físicas e o acervo sejam protegidos. Diante do exposto, os participantes deste Fórum solicitam a conclusão do processo de recuperação física do Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque e indica Fabrício Narciso Karipuna como o representante da Rede Indígena de Memória e Museologia Social responsável por acompanhar esse processo.

A recuperação e abertura desse importante espaço museológico vai possibilitar a continuidade das atividades museológicas, de pesquisa e formação, dos valiosos serviços que o Museu presta

aos estudantes de nível médio e superior, principalmente pelo uso de sua biblioteca, aos inúmeros visitantes do Amapá e estrangeiros vindos especialmente da Guiana Francesa e, sobretudo, a sociedade Oiapoqueense e aos povos indígenas.

Aguardamos a resposta pública desse documento e nos colocamos à disposição.

Rede Indígena de Memória e Museologia Social



Figura 1. Abertura do II Fórum Nacional de Museus Indígenas - plenária de participantes. Fonte: acervo Rede Indígena de Memória e Museologia Social, 2016.



Figura 2. Abertura do II Fórum Nacional de Museus Indígenas - cantos de abertura com pajés, caciques e lideranças tradicionais. Fonte: acervo Rede Indígena de Memória e Museologia Social, 2016.



Figura 3. Pajé Barbosa, liderança espiritual e política – palavras de abertura do encontro. Fonte: acervo Rede Indígena de Memória e Museologia Social, 2016.

Porque após o Pajé Barbosa morrer a minha vida prossegue no espírito. Meu espírito, mesmo que morra, a vida prossegue porque a vida ela não tem fim. A vida ela tá diretamente dentro de um grande Deus que nós chamamos de Pai Tupã e outros chamam de outros nomes. A gente percebe que o quê sair de dentro dele, que fez a vida do pajé ou a vida de todos nós, não se consegue exterminar (Pajé Barbosa, no II Fórum Nacional de Museus Indígenas - Outubro de 2016).



Figura 4. Lux Boelitz Vidal, antropóloga – palestra de abertura do encontro. Fonte: acervo Rede Indígena de Memória e Museologia Social, 2016.

Um momento único na minha vida. Porque foi uma coisa maravilhosa. Eu sofri na ditadura, quando tivemos os grandes movimentos... eu num vi nenhum como esse hoje. Então eu acho que esse encontro aqui foi uma coisa histórica para os indígenas, para os Kapinawá e para o Brasil também. (Lux Vidal, palavras de agradecimento no encerramento do encontro).



Figura 5. Plenária de participantes assistindo saudações de Hugues de Varine, em vídeo, na abertura do encontro. Fonte: acervo Rede Indígena de Memória e Museologia Social, 2016.



Figura 6. Benício Pitaguary realizando pintura corporal, prática apropriada e aprofundada pelo artista, pesquisador e ativista do movimento indígena. Fonte: acervo Rede Indígena de Memória e Museologia Social, 2016.

Figura 7. Artefato tradicional (chapéu) do povo Kapinawá. Fonte: acervo Rede Indígena de Memória e Museologia Social, 2016.



Figura 8. Artefatos. Fonte: acervo Rede Indígena de Memória e Museologia Social, 2016.



Figura 9. Bolsa e aió de fibra de caroá, artefatos do povo Kapinawá. Fonte: acervo Rede Indígena de Memória e Museologia Social, 2016.





Figura 10. Vista para a Serra da Mina Grande, onde está localizada a “Furna dos Caboclos”, local sagrado situado na aldeia sede do povo Kapinawá, vista do local do encontro. Fonte: acervo Rede Indígena de Memória e Museologia Social, 2016.